Área temática: 14 — Produtos Técnicos e Tecnológicos: Projetos Transdisciplinares

Categoria: ENANGRAD Júnior

ECOSSISTEMA DIGITAL DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL PARA APOSTADORES ESPORTIVOS ONLINE: PROPOSTA DE ARTEFATO TÉCNICO-TECNOLÓGICO PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

Resumo

A regulamentação das apostas esportivas no Brasil pela Lei nº 14.790/2023 acelerou a expansão de um mercado que alcança cerca de 18 milhões de apostadores ativos, com magnitude comportamental ainda sub explorada academicamente. Este trabalho investiga o comportamento compulsivo associado às apostas esportivas online no Brasil e propõe um ecossistema digital de intervenção comportamental como artefato técnico-tecnológico. Adotou-se desenho exploratório-descritivo sequencial, com triangulação de dados secundários setoriais, oito entrevistas de caráter exploratório com apostadores e uma pesquisa quantitativa aplicada a 314 respondentes (45 apostadores ativos, 55 ex-apostadores e 214 pessoas que nunca apostaram). Os dados foram analisados de forma exploratória, sem generalização estatística, em razão das amostras reduzidas nos dois primeiros grupos. Os achados indicam que a entrada nas apostas combina influência social e exposição digital; que a aposta se integra à rotina como forma de entretenimento; que as perdas tendem a gerar mais apostas em vez de recuo; e que a maioria dos apostadores não se reconhece como público-alvo de qualquer intervenção. Os dados convergem com a literatura de economia comportamental e com a evidência crescente sobre limitações de intervenções digitais autoguiadas. A proposta resultante, Desata, organiza-se em dois caminhos a partir do autoconhecimento do apostador: aposta consciente e tratamento, acionados por um diagnóstico contínuo de risco, com camadas de comunidade e substitutos de lazer como suporte após a decisão de mudança.

Palavras-chave: apostas esportivas online; comportamento compulsivo; intervenção digital; ecossistema de produto; economia comportamental.

Abstract

Brazil's Law nº 14.790/2023 accelerated the expansion of an online sports betting market reaching approximately 18 million active users, with behavioral consequences still underexplored in the academic literature. This study investigates compulsive behavior associated with online sports betting in Brazil and proposes a digital behavioral intervention ecosystem as a technical-technological artifact. An exploratory-descriptive sequential design was adopted, combining secondary sector data, eight exploratory interviews with bettors, and a quantitative survey applied to 314 respondents (45 active bettors, 55 former bettors, and 214 non-bettors). Data were analyzed descriptively, without statistical generalization, given the small sample sizes in the first two groups. Findings indicate that entry into betting combines social influence and digital exposure; that betting integrates into daily routines as a form of entertainment; that losses tend to generate further bets rather than withdrawal; and that most bettors do not recognize themselves as targets of any intervention. The findings converge with behavioral economics literature and with growing evidence on the limitations of self-guided digital interventions. The resulting proposal, Desata, is organized around two pathways grounded in bettor self-knowledge - conscious

betting and treatment - triggered by a continuous risk assessment, with community layers and healthy leisure substitutes as support following the decision to change.

Keywords: online sports betting; compulsive behavior; digital intervention; product ecosystem; behavioral economics.

1 INTRODUÇÃO

A regulamentação das apostas esportivas no Brasil por meio da Lei nº 14.790/2023 (BRASIL, 2023) marcou o início de uma fase de expansão acelerada do setor. Estimativas do Ministério da Fazenda indicam que aproximadamente 18 milhões de brasileiros realizaram apostas em plataformas digitais até julho de 2025, com movimentação anual estimada em R$120 bilhões em 2023 (MINISTÉRIO DA FAZENDA, 2025). A escala do fenômeno é acompanhada de um aparato comercial pervasivo: em 2025, todos os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro contaram com patrocínio de casas de apostas, e investimentos publicitários do setor ultrapassaram R$1 bilhão no ano (GAMING AMERICA, 2025).

A expansão do mercado é acompanhada de manifestações crescentes de comportamento compulsivo. Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo classifica aproximadamente 10,9 milhões de brasileiros como jogadores de risco, dos quais 12,5% apresentam padrões compatíveis com o Transtorno do Jogo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, 2024). Dados da ANBIMA indicam que 27% dos usuários de apostas esportivas online comprometem parte da renda principal com a atividade, configurando vulnerabilidade financeira relevante (ANBIMA, 2025). O cenário contrasta com a ausência de uma rede estruturada de atenção psicossocial voltada especificamente para transtornos comportamentais de apostas, configurando lacuna de tratamento que afeta desproporcionalmente populações de menor renda e escolaridade (LOPES et al., 2016).

Diante desse contexto, este trabalho propõe a seguinte pergunta de pesquisa: como um ecossistema digital de intervenção comportamental pode apoiar a mudança de hábito de apostadores esportivos online com sinais de comportamento compulsivo no contexto brasileiro?

Define-se ecossistema, neste trabalho, como um conjunto articulado de componentes digitais e relacionais — análise de dados comportamentais, orientação para o consumo consciente da aposta, intervenção terapêutica estruturada, suporte por pares e substitutos de lazer — que operam sob um mecanismo único de avaliação contínua de risco, em contraste com soluções pontuais ou monofuncionais que atuam sobre dimensões isoladas do problema. A articulação entre os componentes é o que distingue um ecossistema de uma simples coleção de funcionalidades: cada elemento opera em interdependência com os demais, com fluxos de entrada e saída que permitem ao usuário transitar entre níveis de intervenção conforme seu perfil comportamental evolui.

O objetivo geral é desenvolver um modelo conceitual de ecossistema digital de intervenção comportamental sustentado em diagnóstico empírico do comportamento de aposta no Brasil. Como objetivos específicos: (i) caracterizar comportamento, motivações e barreiras à cessação dos apostadores; (ii) identificar lacunas nas soluções existentes; (iii) mapear a jornada do apostador; (iv) desenhar a arquitetura conceitual do ecossistema proposto.

O trabalho contribui em três dimensões. Teoricamente, articula literatura de economia comportamental, dependências comportamentais e intervenções digitais em saúde a um fenômeno subexplorado no Brasil. Metodologicamente, propõe desenho exploratório-descritivo sequencial replicável. Praticamente, apresenta artefato aplicável: modelo conceitual de ecossistema com mecanismo de escalada de risco, sustentado em dados primários. O artigo está organizado em sete seções. Após esta introdução, a seção 2 apresenta a fundamentação teórica; a 3 descreve a metodologia; a 4 sistematiza o contexto competitivo e a jornada do apostador; a 5 apresenta os achados qualitativos e quantitativos; a 6 detalha o ecossistema Desata; a 7 tece as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Comportamento compulsivo e ludopatia em ambientes digitais

O Transtorno do Jogo é reconhecido pelo DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013) como condição caracterizada pela incapacidade persistente de resistir ao impulso de apostar a despeito de consequências negativas, com mecanismos neurobiológicos análogos aos das dependências químicas (POTENZA, 2014). A inserção desse transtorno no espectro das dependências comportamentais representa uma mudança conceitual relevante: o comportamento compulsivo deixa de ser tratado como falha moral e passa a ser compreendido como condição clínica passível de intervenção estruturada. O ambiente digital potencializa os mecanismos de manutenção do transtorno: Gainsbury et al. (2015) documentaram que a migração das apostas para plataformas online amplia a exposição a gatilhos comportamentais — apostas ao vivo, notificações, bônus de boas-vindas — que operam como estímulos condicionados de ativação do comportamento compulsivo. Sirola et al. (2019) reforçam que a exposição continuada a estímulos ambientais associados à aposta, como grupos de tipsters em redes sociais, constitui fator de risco independente, sugerindo que intervenções eficazes precisam atuar sobre a redução da exposição a esses estímulos no ambiente digital do apostador.

2.2 Economia comportamental e mudança de hábito

O modelo comportamental de Fogg (2009) sustenta que qualquer comportamento resulta da convergência simultânea de três fatores: motivação, habilidade e gatilho. Aplicado às apostas online, o modelo descreve com precisão o mecanismo de captura das plataformas digitais: o bônus de boas-vindas reduz a barreira de habilidade, a promessa de ganho sustenta a motivação, e notificações funcionam como gatilhos de ativação contínua. Kahneman (2011) demonstra que a aversão à perda, assimetria pela qual perdas são psicologicamente mais dolorosas do que ganhos equivalentes são prazerosos, explica o padrão de escalada compensatória: apostadores que perdem aumentam o valor apostado não por cálculo racional, mas para aliviar a dor psicológica da perda. O viés do presente, igualmente descrito por Kahneman (2011), explica por que apostadores reconhecem os danos em abstrato mas continuam apostando no concreto. Clear (2018) demonstra que a mudança comportamental duradoura depende da reformulação da identidade, e não apenas da substituição de metas. A articulação dos três autores configura o eixo teórico central: o design das plataformas captura pelo gatilho; a aversão à perda impede a saída racional; a reformulação da identidade é o mecanismo de cessação duradoura.

Complementarmente, o Modelo Transteórico de Mudança Comportamental (PROCHASKA; DICLEMENTE, 1983) organiza essa articulação no tempo, descrevendo a mudança como sequência de cinco estágios: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção. Amplamente aplicado a comportamentos compulsivos (PFUND et al., 2021), o modelo sustenta o desenho de intervenções escalonadas em que cada estágio demanda mecanismos distintos de apoio à mudança.

2.3 Ecossistemas digitais em saúde comportamental

A escassez estrutural de profissionais de saúde mental no Brasil — 13 por 100 mil habitantes (conforme o Mental Health Atlas da Organização Mundial da Saúde), configura lacuna de acesso a tratamento que afeta desproporcionalmente populações de menor escolaridade. Lopes et al. (2016), em análise da Pesquisa Nacional de Saúde, documentaram que indivíduos com menor escolaridade apresentam menor probabilidade de buscar tratamento psicológico. Embora trate de depressão, o argumento estrutural é extensível ao Transtorno do Jogo: não há rede pública específica para transtornos comportamentais de apostas, e a expansão do setor amplia o descompasso entre demanda e oferta. Boumparis et al. (2022), em revisão sistemática de 29 estudos, identificaram barreiras relevantes em intervenções digitais para vícios comportamentais: menor adoção por apostadores problemáticos, ausência de homogeneidade nos desfechos e atrição variando de 9% a 89%. Bücker et al. (2021) e Pfund et al. (2021) convergem: programas online têm alcance limitado para quem não se reconhece como doente, e o dropout médio de 39% em tratamentos presenciais indica que a evasão é característica do transtorno. Bonfiglio et al. (2022) atribuem o abandono à rigidez de formatos autoguiados e à ausência de auto-diagnóstico contínuo. A superação dessas limitações aponta para o suporte por pares: Peart et al. (2024), em revisão de escopo, demonstraram que fóruns de pares endereçam vergonha e estigma, operando por mecanismos de ajuda mútua e formação de identidade de recuperação.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa-quantitativa de natureza exploratório-descritiva, com desenho sequencial em três etapas de coleta: dados secundários, entrevistas qualitativas e levantamento quantitativo. A fase qualitativa precedeu e informou o instrumento quantitativo, em conformidade com os pressupostos de triangulação metodológica (CRESWELL; CRESWELL, 2021). A escolha do desenho exploratório justifica-se pela escassez de estudos empíricos sobre comportamentos compulsivos associados às apostas esportivas online no contexto brasileiro (GIL, 2002).

3.1 Dados secundários

Foram consultados relatórios setoriais, normativos federais (Lei nº 14.790/2023), dados públicos de saúde (PNS, Mental Health Atlas da OMS) e produção acadêmica indexada (Google Scholar, SciELO, PubMed). Os dados secundários sustentam a caracterização do contexto na seção 1 e a análise de benchmark competitivo na seção 4.

3.2 Coleta qualitativa

Foram conduzidas oito entrevistas exploratórias semi estruturadas com apostadores esportivos online, estruturadas em cinco blocos: perfil demográfico, perfil de rotina, perfil psicológico, perfil de consumo e perfil de dor. As entrevistas duraram em média 30 minutos, foram realizadas por chamada telefônica e videochamada e tiveram conteúdo transcrito automaticamente com revisão posterior pelos pesquisadores. A amostragem foi não probabilística, por conveniência e bola de neve. O critério de inclusão foi ter realizado apostas em plataformas digitais nos seis meses anteriores à coleta. O perfil resultante concentrou-se em homens com idades entre 20 e 35 anos e renda mensal entre R$1.800 e R$10.000, residentes em regiões metropolitanas do Sudeste.

3.3 Coleta quantitativa

Em etapa complementar, foi aplicado questionário estruturado autoaplicado, validado por docentes do curso de Administração, abrangendo cinco dimensões: dados demográficos, comportamento de aposta, dores percebidas, comportamento de ex-apostadores e comportamento de não-apostadores como grupo de contraste. A distribuição ocorreu por canais digitais entre 8 e 14 de maio de 2026. Obtiveram-se 321 respostas brutas; após exclusão de 7 respostas do período de pré-teste do instrumento, resultaram 314 respostas válidas, segmentadas em três grupos: 45 apostadores ativos (14%), 55 ex-apostadores (18%) e 214 respondentes que nunca apostaram (68%).

Os segmentos de apostadores ativos (n = 45) e ex-apostadores (n = 55) situam-se abaixo do mínimo de 196 respondentes recomendado para intervalo de confiança de 95% com margem de erro de ±7 pontos percentuais, apresentando margens de erro de ±14,6 pp e ±13,2 pp respectivamente, o que confere caráter exploratório e direcional aos achados quantitativos nesses segmentos, não conclusivo. O segmento de não-apostadores supera o mínimo recomendado, com 221 respondentes válidos e margem de erro de ±6,6 pp. Esta limitação é declarada explicitamente ao reportar as frequências na seção 5.

3.4 Análise dos dados

O corpus qualitativo foi submetido à análise temática indutiva, conforme protocolo de Braun e Clarke (2006). Adotou-se codificação em duas etapas: uma pré-codificação de identificação de trechos relevantes, seguida de revisão sistemática pelo pesquisador principal, que validou, modificou ou rejeitou cada código proposto. Os temas finais emergiram do agrupamento dos códigos por recorrência e relevância analítica, sem categorias pré definidas. A saturação temática foi observada a partir da quinta entrevista. Os dados quantitativos foram analisados em nível descritivo, com frequências, distribuições e cruzamentos entre os três segmentos. Não foram empregados testes inferenciais.

3.5 Limitações metodológicas

A amostragem por conveniência implica viés de autosseleção e impossibilidade de generalização estatística. A divulgação por canais digitais sub-representa o apostador com sinais de dependência severa, que frequentemente evita interações em ambientes públicos digitais. A concentração do perfil qualitativo em homens jovens de regiões metropolitanas pode não representar a diversidade do universo nacional de apostadores. Estas limitações são consideradas no escopo interpretativo dos achados.

4 ANÁLISE DO CONTEXTO COMPETITIVO E COMPORTAMENTAL

Adotam-se dois instrumentos analíticos complementares: o benchmark de soluções existentes situa a proposta no estado da arte das intervenções para ludopatia, identificando lacunas que justificam a estratégia diferenciada do produto; a jornada do apostador articula os achados empíricos da seção 5 em uma estrutura sequencial que sustenta o desenho da esteira detalhada na seção 6. Ambos os instrumentos operam como mediadores entre o diagnóstico empírico e a proposta de intervenção.

4.1 Benchmark de soluções existentes

A análise das soluções disponíveis para apoio ao tratamento da ludopatia identifica três categorias principais. A primeira é constituída por intervenções clínicas tradicionais, especificamente Terapia Cognitivo-Comportamental e participação em grupos de Jogadores Anônimos, validadas pela literatura, porém com acesso restrito no Brasil pela escassez estrutural de profissionais de saúde mental discutida na seção 2.3. A segunda categoria reúne ferramentas digitais de auto exclusão e bloqueio, como o GAMSTOP no Reino Unido e o TalkBanStop/Gamban, com evidências de adoção em mercados regulados, mas com forte dependência da iniciativa do próprio usuário e baixa adesão sustentada (PFUND et al., 2021). A terceira categoria, ainda incipiente, é composta por aplicativos de saúde mental digital de propósito geral, que abordam dependências comportamentais como tema secundário e sem personalização específica.

As limitações comuns às três categorias incluem a dependência de autorreconhecimento como condição prévia de uso (barreira incompatível com o perfil identificado nesta pesquisa, em que a maioria dos apostadores não se percebe como público-alvo de intervenção, conforme seção 5.7) e a ausência de mecanismos progressivos de escalada que acomodem usuários em diferentes níveis de risco. Essas lacunas justificam a proposta de um ecossistema integrado com porta de entrada não terapêutica e mecanismo de escalada automática entre níveis de intervenção, detalhado na seção 6.

Para além dos concorrentes diretos, dois produtos de outros setores informam o design do Desata. A startup Manual, de medicina masculina, oferece diagnóstico via formulário e fotografias seguido de recomendação personalizada — modelo que inspira a lógica do caminho de Tratamento. O Wasted on LoL apresenta dados de uso individual em formato de auto-confronto numérico sem julgamento moral, inspirando a estética do Espelho Financeiro.

4.2 Jornada do apostador

A análise integrada das entrevistas e dos dados do questionário permite mapear a jornada do apostador em quatro fases analíticas, com pontos de inflexão identificáveis para intervenção. Os achados que sustentam empiricamente cada fase são apresentados na seção 5; aqui são sintetizados os marcos da jornada.

Entrada. A iniciação combina vetor social (amigos, primos, colegas) e vetor digital (publicidade, influenciadores, bônus de boas-vindas). O design persuasivo das plataformas opera como gatilho de redução de barreira de entrada, em consonância com o modelo de Fogg (2009).

Manutenção. A aposta integra-se à rotina como ritual associado ao consumo de conteúdo esportivo. Emoção e adrenalina aparecem como motor de continuidade,

à frente do ganho financeiro. O bônus semanal gratuito funciona como âncora de manutenção mesmo para usuários que não aportam recursos próprios. Predomina a autoilusão de controle.

Escalada de risco. Em apostadores com sinais iniciais de comprometimento, observa-se o padrão de escalada compensatória — aumento do valor apostado após perdas para tentar recuperação. Este é o ponto de inflexão crítico, em que o comportamento se aproxima do mecanismo de aversão à perda descrito por Kahneman (2011).

Cessação. A análise dos ex-apostadores indica que a cessação ocorre predominantemente por perda espontânea de interesse, sem passar por canais formais de saúde, e que persiste demanda latente por suporte estruturado, expressa na alta disposição para mentoria entre ex-apostadores.

5 ACHADOS

A análise temática das oito entrevistas resultou em oito temas, apresentados na sequência que articula motivações de entrada, padrões de manutenção, mecanismos cognitivos e barreiras à cessação. Cada tema é apresentado com a evidência qualitativa principal e, quando aplicável, com a triangulação correspondente dos dados quantitativos do questionário, observada a limitação amostral discutida na seção 3.3. Os trechos das entrevistas estão identificados pelos códigos E1 a E8.

5.1 Motivações de entrada

A entrada no comportamento de aposta foi motivada pela combinação de vetor social e vetor digital em todos os oito entrevistados qualitativos. O vetor social manifesta-se por influência de amigos, primos ou colegas (E2, E3, E6, E8); o vetor digital, por publicidade e influenciadores (E1, E2, E3, E7, E8). A aspiração financeira aparece como motivação subjacente em seis dos oito entrevistados, em um espectro que vai da expectativa de ganho extra ao objetivo de "parar de trabalhar e viver disso" (E7). O questionário confirma o padrão: 93% dos apostadores ativos citam diversão como fator de entrada, 57% acrescentam ganho financeiro, e a combinação dos dois aparece em 67% das respostas. O design persuasivo das plataformas opera como vetor de entrada complementar, conforme apontado por E5 ("as casas te dão rodadas grátis, aí começa e não para"). O conjunto desses achados articula-se com precisão ao modelo comportamental de Fogg (2009): a entrada se concretiza quando convergem motivação (expectativa de diversão e ganho), habilidade (interface acessível via smartphone) e gatilho (bônus de boas-vindas). O bônus inicial atua como o elemento que reduz a barreira de habilidade a praticamente zero, transformando uma motivação latente em comportamento efetivo.

5.2 Aposta integrada à rotina e ao consumo esportivo

Para a maioria dos entrevistados qualitativos, a aposta não constitui atividade separada do consumo de conteúdo esportivo: ambas compõem um único ritual de lazer. Seis participantes relataram padrão de aposta vinculado a horários de jogos ou rotinas de deslocamento (E1, E2, E4, E6, E7, E8). E8 descreveu o comportamento como análogo à dopamina das redes sociais, realizado no trajeto de ônibus. O questionário corrobora: emoção e adrenalina aparecem como motor de continuidade em 82% das respostas dos apostadores ativos, à frente dos ganhos financeiros (70%). O bônus semanal gratuito oferecido pelas plataformas funciona

como âncora de manutenção mesmo entre usuários que não aportam recursos próprios (relatado por E3 e E8). Esse mecanismo ilustra empiricamente o que Fogg (2009) descreve como ciclo de comprometimento progressivo: pequenas ações repetidas, ativadas por gatilhos regulares, consolidam o comportamento independentemente da motivação inicial. Boumparis et al. (2022) acrescentam que o design persuasivo das plataformas digitais explora precisamente essa repetição ritualizada para manter o engajamento, o que torna a integração à rotina um traço estrutural do comportamento, não acessório.

5.3 Escalada e descontrole emocional

O padrão de escalada compensatória foi descrito por E5 com precisão clínica: "você faz uma entrada de R$50, perde, não aceita, faz uma de R$100, perde, faz uma de R$200". Perdas financeiras significativas foram reportadas no passado por três participantes qualitativos (E1: R$800 em cassino; E5: descontrole prévio; E7: R$3.000 acumulados). O estado psicológico foi apontado como amplificador do risco: "vai muito com o psicológico no dia — dia ruim, perde muito mais" (E5). O questionário confirma a relevância quantitativa do padrão: 41% dos apostadores ativos relatam sentir motivação de recuperar perdas "frequentemente" ou "sempre". A convergência entre as duas fontes é interpretável pelo mecanismo de aversão à perda descrito por Kahneman (2011): a dor psicológica de perder, processada pelo sistema cognitivo rápido e heurístico, motiva tentativas de recuperação que ampliam o prejuízo, contrariando a racionalidade econômica. O viés do presente, também descrito por Kahneman (2011), reforça o ciclo: o prazer imediato da próxima aposta supera, no processamento heurístico, o risco objetivo de aprofundamento da perda.

5.4 Autoilusão de controle e racionalidade seletiva

Sete dos oito entrevistados qualitativos negam ser viciados, com critérios pessoais inconsistentes entre si — frequência diária (E5, E7), valor unitário (E1), lucro positivo (E3). Apenas E5 constitui exceção em duplo sentido: reconheceu diretamente ser viciado (“sim, acho que sim”) e, diferentemente dos demais, cessou as apostas após esse reconhecimento, configurando o único caso na amostra qualitativa em que autorreconhecimento do problema precedeu e motivou a mudança comportamental efetiva. Um mecanismo recorrente é a racionalidade seletiva: o risco é percebido, mas localizado em outra modalidade (E3: "slot é sorte e fé"; E1 abandonou o cassino após perda; E6: "vi que é jogo de azar"). O questionário confirma a prevalência da autoilusão de controle: 70% dos apostadores ativos afirmam ter "total controle" sobre as apostas; apenas 26% admitem que "talvez" o comportamento possa virar problema futuro. A convergência entre as duas fontes encontra ancoragem teórica em Gainsbury et al. (2015), que descrevem a percepção ilusória de habilidade como mecanismo central das apostas online: o apostador desenvolve narrativas de controle ("eu analiso estatísticas", "eu separo R$200 por mês") que coexistem com comportamentos de risco documentados. Esse mecanismo configura a barreira central de entrada em qualquer intervenção que pressuponha autorreconhecimento do problema — e justifica, conforme detalhado na seção 6, a opção pela porta de entrada por autoconhecimento, e não por convocação terapêutica.

5.5 Impacto financeiro minimizado e medo dissociado

O paradoxo central da amostra reside na dissociação entre o medo financeiro declarado e a percepção das apostas como causa desse risco. Nas entrevistas, E2

expressou medo de não conseguir sustentar a família enquanto mantém gasto mensal de R$500 em apostas; E5 e E7 relataram perdas significativas no passado, ressignificadas no presente como aprendizado superado. No levantamento quantitativo, o padrão se repete em escala maior: entre apostadores ativos sem interesse em parar, 83% admitem que perdas financeiras os fariam considerar parar — admissão indireta do impacto que, nas entrevistas, os apostadores ativos tenderam a minimizar. Entre ex-apostadores, manter disciplina financeira foi o desafio mais relatado ao parar (27% consideraram "desafiador" ou "muito desafiador"). Essa dissociação encontra explicação no viés do presente descrito por Kahneman (2011): o risco financeiro é processado em abstrato pelo sistema cognitivo deliberativo, enquanto a aposta concreta é processada pelo sistema rápido — e o segundo predomina nas decisões cotidianas. Bonfiglio et al. (2022) complementam, ao documentar empiricamente que mudanças de circunstâncias de vida com pressão financeira aguda são gatilhos efetivos de cessação, enquanto consciência abstrata do risco não o é. A implicação para o design da intervenção é direta: gatilhos de mudança requerem ancoragem em consequências concretas e imediatas, não em alertas genéricos.

5.6 Impacto relacional: ocultação, freio e reforço

A rede social opera simultaneamente como reforço da manutenção e como alavanca potencial de cessação. Quatro entrevistados qualitativos relataram que amigos reforçam ativamente o comportamento (E3, E6, E7, E8); E3 indicou que um pedido de pessoa próxima seria o principal fator de cessação; E7 desinstalou o aplicativo por três meses por solicitação da parceira. Esses achados encontram ancoragem em Sirola et al. (2019), que demonstram que a composição normativa do grupo de pares constitui determinante crítico do comportamento. O questionário matiza a hipótese: 93% dos ex-apostadores pararam sem apoio formal, mas 84% recomendariam o serviço a outros — disposição relacional que, à luz de Clear (2018), sustenta a frente de mentoria como mecanismo de identidade alternativa.

5.7 Barreiras à cessação e percepção do produto

Todos os entrevistados qualitativos reconhecem a existência de casos graves — mas os projetam em terceiros. Nenhum se percebe como público-alvo de intervenção. E3 sintetizou: "não é sobre falar não faça, é sobre explicar o que acontece quando você entra". O questionário confirma: 53% dos ex-apostadores pararam por perda espontânea de interesse, 37% por prejuízo financeiro, e 93% pararam sem apoio formal. Ainda assim, 84% recomendariam um serviço especializado e 31% têm perfil de mentor consolidado. Pfund et al. (2021) mostram que dropout de 39% em tratamentos presenciais evidencia que a evasão é característica estrutural do transtorno; Peart et al. (2024) demonstram que pares online endereçam vergonha e estigma por mecanismos de ajuda mútua — base que sustenta a frente de mentoria do Desata.

5.8 Percepção diferenciada de risco por modalidade

Seis entrevistados distinguem ativamente a aposta esportiva do cassino e do slot. A esportiva é percebida como domínio de análise e controle (E3: "dá pra analisar — escalação, estatística"; E4: uso de aplicativos de estatística); o cassino, como domínio da sorte. O ponto de inflexão é a migração mediada pelo design de bônus das plataformas (E5: "as casas te dão rodadas grátis, começa e não para"). A literatura sustenta: Potenza (2014) descreve as dependências como espectro, e

Gainsbury et al. (2015) documentam que bônus de migração entre modalidades operam ativamente para induzir essa transição. Este achado delimita o escopo prioritário do Desata: o apostador esportivo em estágio anterior à migração para o cassino, mais receptivo a intervenções de redução de risco.

6 PROPOSTA: O ECOSSISTEMA DESATA

O Desata é um ecossistema digital de intervenção comportamental voltado para apostadores esportivos online com sinais de consumo compulsivo. Diferentemente das soluções existentes, que pressupõem autorreconhecimento do problema como condição de acesso, o Desata adota o autoconhecimento como porta de entrada: o usuário começa por entender seu próprio perfil de aposta, sem precisar assumir que tem um vício. A partir de um diagnóstico contínuo de risco — alimentado por dados inseridos pelo próprio usuário, como frequência de apostas, gasto mensal, reação às perdas e uso de dinheiro essencial — o produto classifica o apostador em três níveis e o direciona para um de dois caminhos: Aposta Consciente, para quem mantém o comportamento com controle, e Tratamento, para quem apresenta sinais de dependência. O mecanismo de escalada automática monitora a evolução do score de risco e propõe transições entre caminhos sem bloqueios forçados. Ambos os percursos são sustentados por camadas de comunidade de pares e substitutos saudáveis de lazer, que operam como suporte após a decisão de mudança, não como gatilhos dela. A figura 1 sintetiza a arquitetura completa do ecossistema.

O diagnóstico contínuo de risco opera por três fontes de dados combinadas, todas condicionadas ao consentimento explícito do usuário. A primeira é o registro manual estruturado: periodicamente, o usuário responde a um questionário curto sobre frequência de apostas, valor apostado, resultado financeiro e estado emocional ao perder. A segunda é o rastreamento de tempo de uso via APIs nativas de bem-estar digital dos sistemas operacionais — Screen Time no iOS e Digital Wellbeing no Android —, que identificam o tempo diário despendido em apps de apostas sem acessar o conteúdo das sessões. A terceira é a integração com o Open Banking brasileiro, mediante autorização expressa, que identifica transações financeiras direcionadas a plataformas de apostas no extrato do usuário, calculando o gasto real sem depender exclusivamente de declaração voluntária. A combinação das três fontes gera o score de risco atualizado continuamente, que alimenta duas saídas: o espelho financeiro, que traduz tempo e dinheiro investidos em equivalentes concretos — dias de trabalho equivalentes, comparativos de consumo, alternativas de investimento — gerando consciência por choque quantitativo sem julgamento moral; e o identificador de padrão patológico, que monitora automaticamente escalada compensatória, frequência crescente e uso de renda essencial, propondo a transição de caminho quando o score ultrapassa o limiar definido. A integração com o Open Banking pressupõe habilitação da plataforma como instituição participante do Open Finance Brasil, regulado pelo Banco Central, configurando etapa de desenvolvimento posterior ao MVP.

6.1 Princípios da intervenção

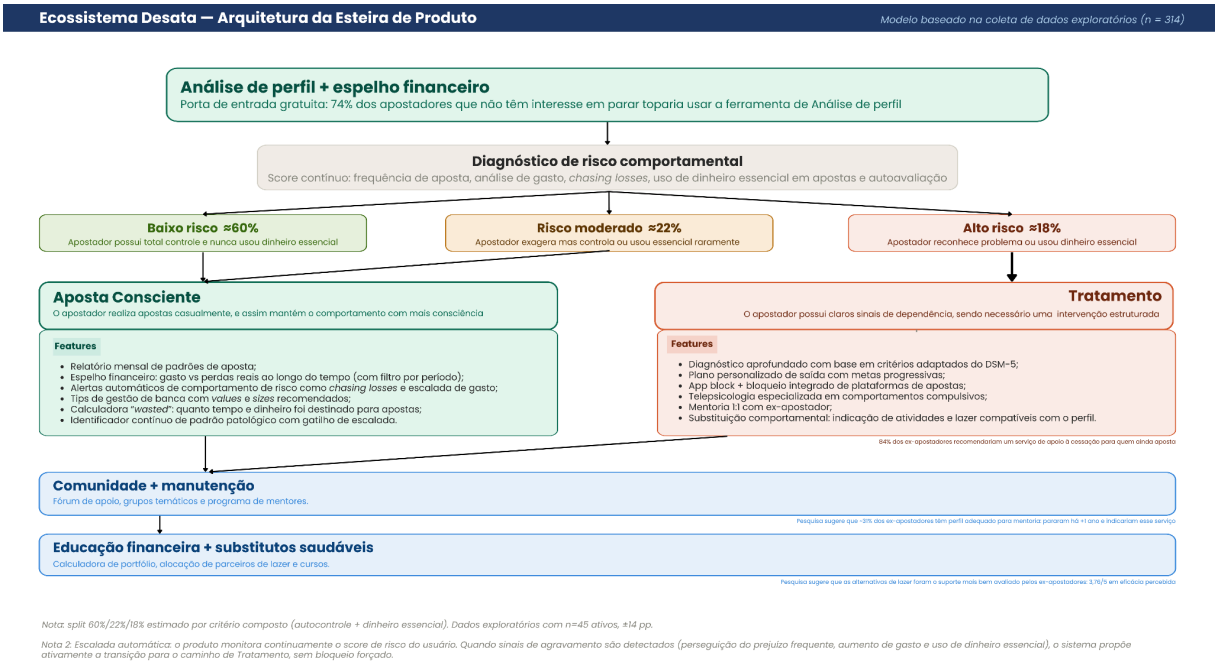
A arquitetura do Desata sustenta-se em três princípios derivados dos achados das seções 5.4, 5.5 e 5.7. O primeiro é o autoconhecimento como gancho de entrada: 74% dos apostadores ativos sem interesse em parar topariam usar uma ferramenta de análise de perfil, e 83% identificam o gasto mensal como a

informação mais valiosa a conhecer. A entrada não pode pressupor reconhecimento de problema, condição ausente na maioria do público. O segundo é a intervenção em espectro contínuo de risco, e não em categorias binárias: o produto monitora sinais comportamentais (frequência, escalada compensatória, uso de dinheiro essencial) e propõe escalada automática entre níveis de intervenção sem bloqueio forçado, abordagem que responde aos achados de Bonfiglio et al. (2022) sobre rigidez como fator de abandono. O terceiro é o reconhecimento de que comunidade e substitutos de lazer atuam como camadas de sustentação pós-decisão, e não como gatilhos de entrada: apenas 17% dos apostadores sem interesse aceitariam uma alternativa de lazer como gatilho de mudança, embora essas alternativas apresentem média 3,55 entre apostadores ativos e 3,76 entre ex-apostadores quando avaliadas como instrumento de sustentação à cessação em escala de concordância de 1 a 5 pontos.

Esses princípios materializam-se em uma esteira que se mapeia diretamente aos estágios do Modelo Transteórico de Prochaska e DiClemente (1983): a camada de Análise de Perfil e Espelho Financeiro endereça os estágios de pré-contemplação e contemplação, tornando consciente o que estava latente; a transição automática para o caminho de Tratamento responde ao estágio de preparação; as funcionalidades do caminho de Tratamento sustentam o estágio de ação; e as camadas de comunidade e substitutos de lazer operam no estágio de manutenção. Essa correspondência entre estágios psicológicos de mudança e camadas funcionais do produto fundamenta a coerência interna da esteira.

6.2 Esteira de produto e split de risco

A figura 1 sintetiza a arquitetura completa do ecossistema, com a relação entre a porta de entrada por autoconhecimento, o diagnóstico de risco em três níveis e os dois caminhos de intervenção — Aposta Consciente e Tratamento — com suas respectivas camadas de sustentação.



(Figura 01: Ecossistema Desata - Arquitetura da Esteira de Produto. Fonte: Elaborada pelos autores)

O produto estrutura-se como esteira progressiva. A camada de entrada, Análise de Perfil e Espelho Financeiro, oferece ao apostador um relatório personalizado do próprio comportamento (gasto, frequência, padrões emocionais de reação à perda, evolução temporal) em modelo gratuito ou freemium. A partir do uso continuado, o produto calcula um score de risco comportamental que classifica o usuário em três níveis baseados em dois indicadores do levantamento quantitativo — autoavaliação do comportamento de aposta e uso de dinheiro destinado a despesas essenciais — respondidos por apostadores ativos pesquisados. Dessa maneira, foi tido a seguinte distribuição: alto risco (18%, n=8), composto por respondentes que reconhecem ter problema ou apostar mais do que gostariam, e/ou que utilizaram dinheiro essencial pelo menos algumas vezes; risco moderado (22%, n=10), composto por quem declara exagerar ocasionalmente ou utilizou dinheiro essencial raramente, sem comprometimento declarado; e baixo risco (60%, n=27), composto por quem afirma ter total controle e nunca utilizou renda essencial para apostar. O split direciona o usuário para um dos dois caminhos de intervenção, com possibilidade de transição automática entre eles, conforme a evolução do score de risco, mecanismo detalhado na seção 6.3. Dada a amostra exploratória de 45 apostadores ativos, essas proporções têm caráter direcional e não conclusivo, conforme discutido na seção 3.3.

6.3 Caminho Aposta Consciente

Voltado para apostadores classificados em baixo e moderado risco, este caminho assume que o comportamento de aposta permanecerá, mas pode ser conduzido com maior consciência. Sua premissa central é a orientação para o consumo consciente da aposta, ou seja, oferecer ao usuário diretrizes operacionais de gestão do comportamento (limites de gasto, frequência saudável, sinais de alerta de escalada) em formato acessível e sem convocação terapêutica. As funcionalidades que materializam essa premissa incluem relatório mensal de padrões de aposta, espelho financeiro comparando gasto e perdas reais, alertas automáticos de comportamento de risco, ferramentas de gestão de banca, conteúdo educativo sobre vieses cognitivos no contexto da aposta e identificador contínuo de padrão patológico. Quando o score de risco ultrapassa o limiar definido, o produto propõe ativamente a transição para o caminho de Tratamento, sem bloqueio forçado, abordagem fundamentada nos achados sobre rigidez de soluções autoguiadas (BONFIGLIO et al., 2022) e nos limites do autorreconhecimento documentados na seção 5.7.

6.4 Caminho Tratamento

Direcionado a usuários com sinais de dependência, este caminho opera como intervenção estruturada para cessação. Os componentes incluem: diagnóstico aprofundado com base em critérios adaptados do DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013; POTENZA, 2014), plano personalizado de saída com metas progressivas, bloqueio de plataformas integrado, telepsicologia especializada e mentoria 1:1 com ex-apostador. A frente de mentoria explora o achado da seção 5.7 — 84% dos ex-apostadores recomendariam o serviço e aproximadamente 31% reúnem perfil de mentor consolidado. O formato 1:1 é priorizado sobre grupos estruturados, dado que estes apresentaram menor concordância entre apostadores ativos no questionário (média 3,05 em escala de 5 pontos contra 3,55 para alternativas individuais), confirmando os limites de adesão a grupos formais identificados também por Peart et al. (2024).

6.5 Camadas de sustentação

Duas camadas complementam a esteira após a transição inicial. A camada de comunidade estrutura fóruns temáticos e programas de mentoria escaláveis, mobilizando o capital social dos ex-apostadores. A camada de substitutos saudáveis oferece alocação de parceiros de lazer, atividade física, cursos e iniciativas de educação financeira aplicada, operando em modelo de parceria por desempenho. Como discutido em 6.1, ambas as camadas cumprem função de sustentação, não de conversão: a evidência empírica indica que alternativas de lazer só funcionam após a decisão de mudança, não como gatilho dela.

6.6 Considerações éticas e limites do escopo

O ecossistema submete-se a três considerações éticas explícitas. Primeira, o produto não promove a cessação total como única trajetória legítima: o caminho de Aposta Consciente reconhece a aposta moderada como prática possível, posicionamento alinhado a abordagens contemporâneas de redução de danos. Segunda, a coleta e o tratamento de dados comportamentais sensíveis seguem os princípios da Lei Geral de Proteção de Dados, com consentimento explícito e finalidade restrita a benefício do usuário. Terceira, como contribuição complementar do produto à comunidade científica e à formulação de políticas públicas sobre apostas no Brasil, dados comportamentais agregados e anonimizados podem alimentar pesquisas acadêmicas em saúde comportamental, mediante consentimento explícito do usuário e parcerias com instituições de pesquisa sem fins lucrativos. Frentes de monetização envolvendo operadoras de apostas foram deliberadamente excluídas, em razão da tensão estrutural entre o objetivo de mitigação do comportamento compulsivo e a sustentação econômica do agente que o produz.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a ludopatia associada às apostas esportivas online no Brasil e propôs o Desata como artefato técnico-tecnológico de intervenção comportamental. A triangulação entre dados secundários, oito entrevistas qualitativas e levantamento descritivo com 314 respondentes permitiu identificar oito temas convergentes que caracterizam o comportamento do apostador no contexto brasileiro, com destaque para a autoilusão de controle, o padrão de escalada compensatória após perdas e o não-reconhecimento dos apostadores como público-alvo de intervenção. O ecossistema proposto responde a essas barreiras com porta de entrada por autoconhecimento, escalada automática entre níveis de risco e camadas de sustentação por mentoria entre pares.

As contribuições do trabalho situam-se em três dimensões. Teoricamente, articula literatura de economia comportamental e intervenções digitais em saúde a um fenômeno sub-explorado no Brasil. Metodologicamente, oferece desenho exploratório-descritivo sequencial replicável para investigação de comportamentos compulsivos emergentes. Praticamente, apresenta artefatos com potencial de complementar a rede pública no atendimento a um fenômeno de escala crescente.

As limitações já discutidas na seção 3.5 condicionam o alcance dos achados: amostragem por conveniência, sub-representação do apostador com dependência severa e concentração demográfica do perfil qualitativo. Como direções futuras, recomenda-se a ampliação da amostra quantitativa nos segmentos

sub-representados, a condução de entrevistas em canais específicos de recovery para incorporar o perfil de dependência severa, o teste de usabilidade dos componentes do ecossistema antes do desenvolvimento técnico e a investigação empírica das frentes de monetização não-conflitivas com a missão social do produto.

Como etapa imediata de validação, recomenda-se um MVP (Produto Mínimo Viável) com recursos já identificados: apresentação do espelho financeiro, seguida de oferta de conexão com mentor para quem demonstrar interesse. Os 17 ex-apostadores com perfil de mentor identificados no levantamento, combinados com os apostadores ativos interessados em reduzir (36%), constituem a base do piloto. A etapa seguinte deve envolver testes de usabilidade com protótipos de baixa fidelidade antes de qualquer decisão de desenvolvimento técnico (BOUMPARIS et al., 2022).

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

ANBIMA. Raio-X do Investidor Brasileiro: indicadores de estresse financeiro e tendência ao vício em apostas. Rio de Janeiro: ANBIMA, 2025.

BONFIGLIO, N. S. et al. Reasons for dropping out of internet-based problem gambling treatment, and the process of recovery — a qualitative assessment. Current Psychology, v. 42, p. 14938-14948, 2022.

BOUMPARIS, N. et al. Internet-based interventions for behavioral addictions: a systematic review. Journal of Behavioral Addictions, v. 11, n. 3, p. 620-642, 2022.

BRASIL. Lei nº 14.790, de 29 de dezembro de 2023. Dispõe sobre a modalidade lotérica denominada apostas de quota fixa. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2023.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BÜCKER, L. et al. A randomized controlled trial on a self-guided Internet-based intervention for gambling problems. Scientific Reports, v. 11, artigo 13033, 2021.

CLEAR, J. Hábitos atômicos: um método fácil e comprovado de criar bons hábitos e quebrar os maus. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

FOGG, B. J. A behavior model for persuasive design. In: PERSUASIVE'09, 4th International Conference on Persuasive Technology, 2009, Claremont. Anais... New York: ACM, 2009. p. 1-7.

GAINSBURY, S. M. et al. How the internet is changing gambling: findings from an Australian prevalence survey. Journal of Gambling Studies, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2015.

GAMING AMERICA. Brazilian sports betting market report 2025: regulation, sponsorships and advertising spend. São Paulo: Gaming America, 2025.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAHNEMAN, D. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOPES, C. S. et al. Inequities in access to depression treatment: results of the Brazilian National Health Survey — PNS. International Journal for Equity in Health, v. 15, artigo 154, 2016.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Panorama do mercado de apostas de quota fixa no Brasil: estimativa de usuários e movimentação financeira. Brasília: Secretaria de Prêmios e Apostas, 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Mental Health Atlas 2020. Genebra: OMS, 2021.

PEART, A. et al. Web-based forums for people experiencing substance use or gambling disorders: scoping review. Journal of Medical Internet Research, v. 26, artigo e49010, 2024.

PFUND, R. A. et al. Dropout from face-to-face, multi-session psychological treatments for problem and disordered gambling: a systematic review and meta-analysis. Psychology of Addictive Behaviors, v. 35, n. 8, p. 901-913, 2021.

POTENZA, M. N. Non-substance addictive behaviors in the context of DSM-5. Addictive Behaviors, v. 39, n. 1, p. 1-2, 2014.

PROCHASKA, J. O.; DICLEMENTE, C. C. Stages and processes of self-change of smoking: toward an integrative model of change. Journal of Consulting and Clinical Psychology, v. 51, n. 3, p. 390-395, 1983.

SIROLA, A. et al. Peer group identification as determinant of youth behavior and the role of perceived social support in problem gambling. Journal of Gambling Studies, v. 35, n. 4, p. 1379-1396, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Estudo sobre jogadores de risco e ludopatia no Brasil. São Paulo: UNIFESP, 2024.